



ST4. A TEMÁTICA INDÍGENA NA ESCRITA E NO ENSINO DE HISTÓRIA AVANÇOS E RETROCESSOS

156

A REPRESENTAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA

*Waldeci Ferreira Chagas¹
Damião Cavalcante do Nascimento²*

Resumo: O propósito deste trabalho é analisar “as representações dos povos indígenas no livro didático de História” utilizado pelos docentes que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental I, especificamente 2º, 3º, 4º e 5º na rede pública municipal de Alagoa Grande. Para tanto, escolhemos o livro “História”, que integra o “Projeto Buriti” escrito por César da Costa Júnior, Thelma Cademartori Figueiredo de Oliveira, Vanessa Gregorut, Regina Maria de Oliveira Ribeiro e Murilo José de Resende. Tal obra foi organizada pela Editora Moderna, e publicado em 2007. Trata-se de uma coleção voltada para o Ensino Fundamental Menor. Outro aspecto que levamos em consideração na escolha de tal livro é o fato de ele trazer conteúdos de história e cultura indígena, e assim corresponder ao que determina a lei 11.645/008, que obriga as escolas da educação básica a incluir tais conteúdos no currículo escolar. Apesar da crítica historiográfica as representações dos povos indígenas, o livro didático não foge aos estereótipos consagrados, assim reforça e reproduz a imagem dos povos indígenas como sendo cordial, passivo, preguiçoso, pouco inteligente e animalesco. Afora isso, é um sujeito preso ao passado, sobretudo, no período colonial da história do Brasil e integrado a natureza. Trata-se, portanto, de uma visão romântica e desumana, que pouco corresponde à realidade vivenciada pelos povos indígenas na contemporaneidade, caracterizado pela luta em defesa da terra e de suas culturas tradicionais.

Palavras-chave: Livro Didático. História. Índios.

Na sociedade brasileira existem diversas práticas culturais, o que faz com que vários elementos indetitários sejam evidenciados, no entanto, as diversas identidades ainda não compõem o livro didático de História. Nesse material didático, apesar de os

¹ Professor do Departamento de História/UEPB/CH/Campus Guarabira/Integrante do NEABI/UEPB/Guarabira. Este trabalho é parte do projeto de pesquisa: **A Representação dos Povos Indígenas no Livro Didático de História**. Financiado pelo CNPQ.

² Estudante do Curso de História/Bolsista de Iniciação Científica/UEPB/CH – Campus Guarabira.

conteúdos sobre os povos indígenas estarem presentes, prevalece uma única perspectiva de cultura, ou seja, a eurocêntrica.

Por isso, é pertinente discutirmos o lugar dos povos indígenas no livro didático de História. Estes povos estão no livro, no entanto, são representados geralmente como se fossem todos iguais, e só tenham vivido no período colonial da história do Brasil. Esse tipo de representação se deve ao fato de a escrita didática sobre a história do Brasil ainda ser eurocêntrica. Desse modo, raramente o livro didático de História traz uma representação positiva dos povos indígenas do Brasil e a sua participação como agentes ativos e construtores da sociedade e da cultura brasileira. Geralmente quando se referem aos conhecimentos dos indígenas na época do contato com o europeu, os livros se referem às suas influências ou contribuições na formação cultural do Brasil. Mas não discutem a continuidade e permanência da cultura indígena na sociedade brasileira contemporânea e nem aponta os setores da sociedade em que os valores indígenas estão presentes. Se refere à cultura, quando esse termo é amplo e pode significar uma série de questões e indicar diversos campos de saber. A ideia recorrente é a de que a cultura indígena desapareceu, existem apenas vestígios, e por essa razão precisa ser lembrado pela escola, o que faz com que esteja pontualmente posta no livro didático de História.

As representações dos povos indígenas no livro didático têm instigado questionamentos entre os (as) pesquisadores (as) das diversas áreas do conhecimento, tais como: Qual o papel dos povos indígenas na formação da sociedade brasileira? Este tipo de pergunta é pertinente e amplia a discussão sobre a representação dos povos indígenas no livro didático de História. Outro questionamento que se faz ao livro didático é se os povos indígenas são representados como agentes sociais ou coadjuvantes da história?

Estas são algumas das questões que discutimos ao longo deste trabalho, e assim cremos que colaboramos com o processo educativo de modo que ele venha a ser igualitário, onde as expressões culturais dos povos indígenas não sejam apenas discutidas, mas valorizadas na sala de aula e na sociedade, visto tratar-se de uma cultura que faz parte da matriz cultural do Brasil e está no cotidiano dos (as) brasileiros (as).

A discussão acerca da representação dos povos indígenas no livro didático é uma questão contemporânea, todavia a representação desses povos e sua cultura no livro didático não. Por isso, elas precisam ser vistas não só por pesquisadores (as) no campo da história, mais, sobretudo, por professores (as) da educação básica, visto que são eles (as) quem lidam diretamente com o processo ensino-aprendizagem de História nas séries iniciais. Portanto, professores (as) devem estar atentos (as) às representações dos povos indígenas nos livros didáticos com que lidam cotidianamente em sala de aula. Caso contrário podem estar na sala de aula reproduzindo os estereótipos do índio preguiçoso, sem história, atrasado e que só viveu no Brasil do passado.

Neste trabalho, analisamos nos livros didáticos de História, destinados ao ensino fundamental I, as representações dos povos indígenas. Para tanto, escolhemos o livro de História, do Projeto Buriti, especificamente os do 2º, 3º, 4º e 5º ano. A perspectiva da pesquisa foi entendermos as abordagens sobre os povos indígenas e como elas estão expostas nesse material didático. Nesse sentido, recorreremos à representação como categoria de análise e atentamos para as considerações de Chartier (1985), devido às

formulações teóricas de esse pesquisador nos possibilitar referências quanto ao significado de representação, e deste modo contribui com a discussão que fazemos neste texto, sobretudo, porque trabalhamos com o conceito de representação para entender as imagens dos povos indígenas. Chartier (1985) entende a representação como “instrumento de um conhecimento mediado que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de reconstruir em memória e de o figurar tal como ele é” (CHARTIER, 1985, p. 20). Desta feita, Chartier (1985) ao situar a representação no campo do saber difere-a da imaginação, e discute que a realidade é construída a partir dos diferentes grupos sociais, o que gera melhor compreensão do mundo.

Desse modo ao trabalharmos com representações dialogamos com a história cultural, haja vista abordarmos as diferentes representações que o livro didático de História traz dos povos indígenas. Nesta perspectiva, Chartier, considera que a história cultural é “um espaço de trabalho entre textos e leituras, cujo intuito é compreender as práticas complexas e múltiplas, diferenciadas, que constroem o mundo como representação” (CHARTIER, 1990, p.28).

Logo, partimos do pressuposto de que os povos indígenas no Brasil constituíram os diferentes espaços ao longo do tempo e que por sua vez são contribuintes e produtores de cultura e de história. Todavia, neste trabalho abordamos as representações como produtos da sociedade de determinada época, e, percebemos que elas não são inocentes, estão imbricadas numa relação de poder. Desta feita, a tarefa do historiador ao acessar as representações é desvendar os seus privilégios, ou seja, compreender como um povo foi representado em um dado tempo.

Nesse ínterim entendemos que as práticas culturais estão relacionadas à representação e vice-versa, assim os processos culturais e sociais fazem parte do equilíbrio histórico. Chartier (1985) atenta também para a importância que se deve ter em “identificar a maneira como, nas práticas, nas representações ou nas produções, se cruzam e se imbricam diferentes formas culturais” (CHARTIER, 1990, p.56).

Acerca dessa questão, Santos (2010) nos mostra que mesmo negada, a cultura indígena sempre esteve e está presente no cotidiano do povo brasileiro, visto que atenta para o fato de que o Brasil “independente” precisava se manter em unidade. Desse modo surgiu à necessidade de criar a história nacional e nesse processo o IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) foi o principal agente. Por isso veio à tona a história “depreciativa do outro”. Todavia, a historiografia construída a partir do IHGB passou a definir quem seriam os excluídos da civilização, estes por sua vez foram índios (as) e negros (as), pois a ideia de civilização elaborada por esta instituição remetia aos propósitos de branqueamento.

A exclusão dos povos indígenas da história do Brasil escrita a partir do século XIX vigorou, desta feita a “historiografia do século XIX acabou reduzindo a variedade de povos com línguas e culturas diversas a dois grandes grupos: os tupis e os tapuias” (SANTOS, 2010, p. 3).

A partir de então, os povos indígenas passaram a ser generalizado e os livros didáticos também colaboraram com a construção da imagem destes povos como cultura homogênea. Assim como afirmou Santos (2010) “os manuais didáticos se apropriaram

da historiografia produzia pelo IHGB, e prosseguiram perpetuando imagens e interpretações sobre os índios brasileiros através de uma postura etnocêntrica, preconceituosa, de negação e ausências de autonomia e ação” (SANTOS, 2010, p. 3). Esse autor ainda aborda o papel dos povos indígenas na formação da identidade cultural do Brasil, e ressalta a importância do livro didático nesse processo, visto ser carregado de ideologia. No entanto, esse pesquisador questiona como vem ocorrendo o uso desse recurso didático na sala de aula, frente às mudanças e permanências nas imagens e conteúdos que ainda lhe são inerentes. Por que isso ocorre? Santos (2010), ainda atenta para as diversas imagens dos povos indígenas e como elas são utilizadas no processo ensino aprendizagem.

Contudo, faz menção que as imagens dos indígenas no livro didático ainda são “generalizantes, estereotipadas” e colocadas em segundo plano. Por isso há necessidade de incorporar os novos saberes históricos na escrita e nas imagens didáticas.

Na abordagem que constrói sobre o índio (OLIVEIRA, 2003) nos diz que esse é mostrado nos livros didáticos, na TV, nos jornais, revistas e outros meios midiáticos através de uma gama de “artefatos”. Este é parte de uma rede discursiva e se torna produto de identidades, ou seja, a partir dos diferentes discursos as “relações de poder” interagem e atribuem aos indígenas determinados conceitos, criando-o e recriando-o ou até mesmo proibindo-lhe determinadas práticas, visto que, segundo o discurso midiático existe um jeito natural de ser índio.

Esta pesquisadora afirma que ao trazer referências sobre identidade, o livro didático, assim como outros artefatos associa-a a um determinado “sujeito” ou grupo e por sua vez o expõe “frequentemente de forma generalizada e pejorativa, para explicá-la e defini-la como única, quando os sujeitos possuem diversas vivências e experiências” (OLIVEIRA, 2003, p. 26).

Os indígenas estão no meio desse movimento que tende a cristalizá-los como sujeitos, pois não são vistos como diferentes; a imagem recorrente no livro didático começou a ser forjada quando da chegada dos colonizadores portugueses ao Brasil. Afora, isso, são vistos como exóticos. Tais conceitos tendem a generalizar os indígenas como sendo culturalmente iguais, visto que o reconhece como o “outro” e os colocam como os mais fracos. Esse tipo de representação foi construído de modo a transformar e inventar identidades consideradas verdadeiras e por isso, passaram a circular “na mídia, na literatura, nas artes, no currículo escolar e em outros artefatos culturais” (OLIVEIRA, 2003, p. 28).

De certo modo os indígenas foram “inventados sob o olhar português”. Essa pesquisadora faz referência à representação dos indígenas, ou seja, ao modo como eles foram vistos: como o selvagem, enquanto o branco é visto como o civilizado. Tal representação resultou de um processo de construção social, vigorado num discurso que classifica e exclui os indígenas. Conforme podemos perceber nesta citação retirada do livro didático analisado por esta autora:

Índios usam arco e flecha; moram em ocas; furam o corpo para colocar objetos estranhos, como ossos e pedaços de madeira,

considerados enfeites; andam nus (ou seminus), enfim, são diferentes de nós (OLIVEIRA, 2003, p. 29).

Essa pesquisadora ainda faz menção ao fato de que no livro didático, os indígenas são assemelhados a certos animais, como se isso fosse algo natural e bom. Esse tipo de compreensão é colocado para demonstrá-los “como sujeitos dotados de conhecimentos, costumes e habilidades específicas e essenciais, de forma que pareça que somente esses sujeitos às possuíam” (OLIVEIRA 2003. p. 30).

A perspectiva é afirmar de que se trata de uma cultura específica e inerente aos indígenas. Desta feita, o reproduz no discurso como o “outro” estranho, que não é brasileiro. Logo, suas culturas e práticas não pertencem aos (as) brasileiros (as). Esse tipo de abordagem desqualifica-o como um ser singular, e o relega a uma simples tribo. De fato a imagem estereotipada esconde os reais valores culturais e indentityários dos indígenas.

Nessa empreitada as designações entre a selva e a cidade mudam constantemente, ou seja, “a oca passa a ser quiosque”, tem-se assim a desvalorização do “outro”. Tal transposição acontece eventualmente para qualificar e desqualificar as vivências indígenas quando por ventura são comparadas com as dos (as) brancos (as). Na compreensão dessa pesquisadora os indígenas ainda são vistos como um grupo, homogêneo, guerreiro, selvagem, por isso é banalizado até mesmo nas imagens e fotografias, o que lhes assegura desigualdade na relação com os (as) brancos (as).

As generalizações se dão em todos os espaços e o livro didático também contribui com o modelo estereotipado. Acerca dessas questões Cavalheiro (s/d) atenta para o fato de como vem sendo tratado à questão dos indígenas no livro didático, visto a importância de tal conteúdo ser criticado, contudo mudado, pois ainda tende a se escrever sob a perspectiva eurocêntrica.

Dessa forma, na contemporaneidade a questão das diferenças étnicas é pouco abordada no livro didático de História, o que se faz é deixar os indígenas de lado, ou seja, no “passado”. Ainda nessa abordagem pode-se dizer que a escrita sob a perspectiva eurocêntrica, pouco aborda, ou até mesmo, traz contribuição com significados positivos acerca dos indígenas, a exemplo dos seus conhecimentos sobre as ervas, suas artes, entre outros.

Portanto, essa autora faz crítica ao modelo de análise empregado nos livros didáticos, à imagem e até mesmo o modo como se trabalha os indígenas. Mostra o quão grande é a discriminação com o diferente de origens culturais. Desta feita, existe na escola carência de conteúdo no que diz respeito aos indígenas, pois esse só é tratado superficialmente, mesmo assim com muitos equívocos que faz destes povos algo quase fora do alcance dos estudantes. Nesse ínterim a autora ainda coloca que “o livro didático ainda é peça indispensável ao trabalho docente” (CAVALHEIRO, s/d, p. 4).

Os livros didáticos de História ainda tem a tendência a generalizar como se todos os povos indígenas fossem iguais e só estivessem existidos em determinado período da história do Brasil. Cavalheiro (s/d) analisou livros didáticos da 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental, portanto, percebeu que tais livros apresentam informações parecidas e semelhantes sobre os povos indígenas. Todavia, mostra que no Brasil existe uma

diversidade e complexidade sobre os povos indígenas, que não deve ser deixado de lado, visto que este conhecimento pouco é trabalhado no livro didático. Ainda assim são permeados do pensamento europeu, que considera os nativos como aqueles que estariam fadados a serem extintos pelo europeu num curto espaço de tempo. Por isso, deve-se criticar buscar, formular outra visão e não vê-los como ingênuos incapazes, passivos entre outras questões.

As imagens sobre os povos indígenas são difundidas desde épocas passadas e permanecem na contemporaneidade, isso é feito através dos diversos meios de informação, a exemplo dos livros didáticos que colocam comparações que não estão relacionados diretamente aos indígenas.

Ainda nesse ínterim, Cavalheiro (s/d) destaca a questão religiosa, pois esta muitas vezes é deixada como superstição que imbrica na formação de conceitos equivocados, e inadequados. Nesses termos segundo essa pesquisadora é fundamental que a escola, quebre com os estereótipos e conceitos transmitidos. Por isso, as abordagens devem ser ampliadas e usadas na sala de aula. Com esse propósito pode-se destacar que algumas leis visam igualdade na sociedade, mas é preciso sair do papel para a prática, de modo que outras abordagens em relação aos povos indígenas sejam evidenciadas na sala de aula. Para que isso aconteça é necessário que o ensino de história mostre as diferentes contribuições das diversas culturas e etnias presentes no Brasil.

As representações dos povos indígenas no livro didático de História do Projeto Buriti são demarcadas por várias questões dignas de discussão, visto que perpassam pelas questões formuladas pelos (as) pesquisadores (as) com quem dialogamos ao longo deste trabalho.

Embora o livro em questão tenha sido escrito na perspectiva de responder as demandas estabelecidas pela lei 11.645/008 que obriga as escolas da educação básica a incluírem no currículo escolar os conteúdos de história e cultura indígena, este é digno de crítica, sobretudo, porque as representações que traz dos povos indígenas não rompem com os estereótipos desde outrora recorrentes e comuns nos livros didáticos de História.

Assim percebemos que tais povos estão representados, mas as representações não contribuem para que estudantes e professores (as) da educação básica, a partir de tal livro, construam outras compreensões acerca dos povos indígenas e de suas culturas. Desta feita, trazemos algumas categorias nas quais elencamos as representações identificadas.

ÍNDIO AHISTÓRICO

Embora neste trabalho tenhamos recorrido ao conceito de povos indígenas, por compreender a diversidade de culturas, práticas e modos de vida que caracterizam essa etnia, o livro didático em análise trabalha com a compreensão de índio enquanto categoria de análise e no singular, como se todos os povos indígenas fossem iguais.

O livro de História do Projeto Buriti é destinado ao estudo da história nas séries iniciais do ensino fundamental I, composto por quatro volumes destinados ao 2º, 3º, 4º e 5º ano. A referência à história se inicia com o livro do 2º ano, uma vez que esse possibilita ao aluno o primeiro contato com a história enquanto campo do conhecimento, mas também a história enquanto ação humana, visto que trata da história do sujeito, do indivíduo. Esse tipo de metodologia possibilita ao estudante perceber-se sujeito e detentor de uma história, singular, mas que está entrelaçada com a história do bairro onde mora e estuda. Essa perspectiva de estudo está centralizada no espaço e é trabalhada no livro do 3º ano. O livro do 4º ano, também enfatiza o espaço de modo mais ampliado. Nesse caso a cidade é o ponto de partida, visto que as discussões e conteúdos giram em torno da cidade, de modo que o estudante de posse da compreensão de que é um sujeito histórico, compreenda-se na história do bairro, e da cidade onde mora. O macro espaço, ou seja, o estado e o país são objetos de discussão do 5º ano.

De posse da compreensão do micro espaço, esse livro leva aluno (a) a compreender o Brasil. A articulação com os demais livros está presente, quando os sujeitos negros (as), índios (as) e brancos (as) são enunciados como formadores do Brasil e da cultura brasileira.

Todavia, o (a) índio (a) é posto como se não existisse no Brasil, uma vez que as referências enfatizam o passado, e mesmo que haja algumas referências dos povos indígenas na contemporaneidade, estas são despossuídas de historicidade. O índio nesse livro didático aparece sem história, diferente do que ocorre com o homem branco, visto que as referências aos indígenas se iniciam com a chegada dos portugueses, tradicionalmente denominada de “o descobrimento do Brasil”.

Percebemos que nos quatro exemplares do livro didático o índio é posto em determinados capítulos sem que haja uma narrativa histórica com continuidade. Afora esse aspecto, que torna os povos indígenas de certo modo inferiores aos colonizadores portugueses, este é apontado culturalmente como homogêneo. A ideia recorrente no livro é a de que índio é tudo igual, quando a cultura indígena é diversificada e complexa.

A compreensão do índio como cultura diversa não está contemplada no livro em apreço, visto que em nenhum momento se refere às culturas ou povos indígenas, mesmo que faça referência à existência de várias etnias indígenas, estas são apenas nomenclaturas, o que reforça a imagem de que são todos iguais. De certa forma, o livro didático representa os povos indígenas, mas na perspectiva evolucionista, pois o considera como um ser que ainda não progrediu, mas está em processo de crescimento cultural. Logo, pode vir a ser inserido na sociedade. A representação reforça a imagem de que os povos indígenas só existiram no Brasil durante o período do contato com o europeu. Por isso, não é demonstrada a sua historicidade.

Nesse contexto perdura a perspectiva eurocêntrica de história, o que acaba por silenciar ou até mesmo ignorar os povos que viviam no Brasil antes da chegada dos europeus, uma vez que a história dos povos indígenas assim como a história do Brasil se inicia com a chegada dos portugueses ao Brasil, tradicionalmente nomeada de o descobrimento do Brasil.

ÍNDIO ANIMAL SELVAGEM E PREGUIÇOSO

A representação do índio como animal selvagem está presente no livro em análise, principalmente na narrativa que este faz da índia Nana e a associa aos vários animais, especificamente a capivara, sagui e anta, conforme está enunciado no trecho abaixo:

[...] Posso dizer que já não sou mais criança e ainda não sou uma mulher. Tenho cabelos pretos-pretos e olhos puxadinhos que nem capivara. Meu tamanho é o de um sagui em cima de uma anta, sou magra feito uma taquara e minha boca é tão grande que quando eu riu ela fica do tamanho de uma banana [...] Gosto de muitas coisas... E também tem coisas de que eu não gosto: acordar cedo, ralar mandioca, cheiro de queimado e barulho de trovão. (COSTA JUNIOR, 2007, p. 14).

163

O texto e a imagem estão diretamente relacionados e além de reproduzir a imagem do índio como selvagem e animal, acrescenta a condição de preguiçoso. O título da discussão é sugestivo, “outras formas de ser criança”, pois se refere a outras formas de a criança viver, brincar e relacionarem-se umas com outras, com os adultos, e o mundo que o rodeia, mas não supera o estereótipo, uma vez que animaliza a índia Nana, visto que suas características físicas são associadas às de vários animais.

Tais características são colocadas no texto como se fosse comum aos povos indígenas se reconhecerem nos animais. No entanto, é importante ressaltar que o fato de eles conviverem na floresta e com os animais não quer dizer que se comportem e se vejam como animais.

Outras representações que animalizam os povos indígenas estão presentes na discussão acerca das brincadeiras infantis, conforme está explícito na narrativa acerca de “O Jogo do gavião”. A narrativa cujo texto acompanha a imagem, afirma que o gavião:

É uma brincadeira dos índios do povo canela, que vive no estado do Maranhão. Primeiro, uma criança representa o gavião e as outras formam uma fila, começando pelas mais altas. Em seguida, cada criança da fila abraça forte o colega da frente, passando os dois braços por baixo dos braços do colega. Depois, o gavião grita: ‘tenho fome!’. A primeira criança da fila mostra suas pernas e diz: ‘quer isto?’. O gavião passa por todas as crianças. Quando chega à última, ele diz: ‘Sim!’. E sai correndo atrás dela. O grupo, sempre abraçado, tenta escapar do gavião. Se a ave agarrar uma criança, leva-a para o seu ninho. Finalmente, o jogo termina quando o gavião agarrar todas as crianças, da última até a primeira da fila (COSTA JÚNIOR, 2007, p. 28).

A representação do índio como animal também é posta nos exercícios propostos aos estudantes, num destes pergunta: “na sua opinião, com que animal ele ficou parecido”. O índio é representado com um penacho na cabeça e é associado a uma arara.

A “cultura, modo de vida e lendas indígenas”, ainda é generalizada, como se a cultura para todos os indígenas fosse uma só. Como se todos dormissem em redes, pintassem o corpo, usassem cocar. Contudo observa-se uma obra tupinambá pertencente ao grupo dos tupis, nela os nativos trabalham, fazem armas, preparam refeições e traz a caça, cada qual em sua atividade. De certo modo, nessa parte a cultura e as lendas indígenas poderiam ser melhor detalhadas.

Nas “ilustrações dos reis da Espanha, que apoiaram as viagens de Cristóvão Colombo em busca de riquezas”, dois indígenas são representados trazendo suas riquezas, são vistos e tidos como exóticos, uma vez que possuem penas na cabeça e estão quase nus. Esse tipo de representação reforça a imagem do indígena como selvagem que precisa ser convertido ao cristianismo.

ÍNDIO NO PASSADO E ATRASADO

Nos “primeiros contatos com os portugueses” quatro imagens nos chamam a atenção, pois mostram “dois povos indígenas, ontem e hoje”. As duas primeiras imagens se referem aos bororos e mostra “como viviam” no passado.

Dentre as atividades executadas ressaltam a caça, peça, vivência, alimentação, educação e rituais de uma forma integrada à natureza, contudo, mitificam a vida dos povos indígenas, pois os colocam de certa forma como “donos da natureza” e vivendo em um espaço distante, idílico e intocável.

Além de representados como animais, os povos indígenas são representados como atrasados, ou seja, uma cultura que permaneceu no passado, visto que as crianças nas suas brincadeiras são remetidas ao passado e enunciadas como atrasadas, uma vez que confeccionam seus brinquedos com produtos naturais, a exemplo de pedras e galhos de árvores. Esta questão está na representação do índio pataxó em sua vida familiar. A imagem o coloca no passado, vivendo diferente do homem branco em todos os aspectos.

Em contrapartida o homem branco é representado nas diferentes temporalidades, enquanto isso o índio está restrito ao passado, conforme o trecho: “os índios pataxó vivem numa **aldeia**, trabalham na **roça**, **caçam**, **pescam** e festejam suas tradições”.

A imagem ainda reproduz a tradicional representação do índio: seminu, usando tanga e penacho ou cocar. Na discussão acerca do modo “Como os povos indígenas marcam a passagem do tempo?”, esse tipo de representação se mantém.

A imagem ainda indica que o indígena não acompanhou as tecnologias e, não vive no mundo contemporâneo, logo, é atrasado, portanto, os conhecimentos tecnológicos estão fora do seu espaço e padrão de vida, uma vez que a representação traz duas crianças indígenas contemporâneas caçando na selva com arco e a flecha. O problema não está em as crianças caçarem com arco e flecha, está em esse ser o único tipo de representação recorrente, e os remeterem ao passado e considera-las atrasadas.

Esse tipo de representação também está na discussão em torno da moradia indígena, esta é representada por uma oca coberta de palha.

Numa fotografia do “ritual xavante realizado no centro de uma aldeia indígena, localizada no estado do Mato Grosso”, o índio é representado na sua tradição, mas é

posto como uma cultura que não evoluiu, ou seja, como incapaz de acompanhar os avanços da contemporaneidade.

É como se os povos indígenas fossem atemporais e essa condição opção deles e não determinação da sociedade brasileira.

No que se refere ao trabalho, a imagem do passado atrasado também é recorrente, visto que as representações do índio trabalhando no preparo da comida remontam o passado e nele, o indígena apesar de utilizar algumas armas, o que denota acesso à tecnologia o texto não discute que isso prosseguiu até a contemporaneidade.

No geral predomina o passado como se o índio não tivesse incorporado outras práticas e tipos de alimentação, uma vez que está representado comendo apenas peixe, frutos e raízes.

Mesmo quando as representações se referem à contemporaneidade, os povos indígenas são remetidos ao passado, visto que são representados nus. Em contrapartida, as imagens do homem branco mostram as diferentes vestimentas do passado e da contemporaneidade, quanto aos indígenas são representados apenas pintados e nus.

ÍNDIO PASSIVO E CORDIAL

A representação do índio como sujeito passivo e cordial é consagrada na celebre imagem do contato com o português. A imagem transmite a compreensão de que os índios receberam os portugueses de braços abertos, como se fossem velhos amigos. Nessa imagem o exótico é ressaltado, quando coloca os povos indígenas do Brasil como se estivessem admirando aos portugueses, ou seja, vendo-os como superiores. Em detrimento a isso, os portugueses se mostram apreensivos, prontos para atacar a qualquer momento. Contudo, uma mudança significativa se percebe, visto que algumas perguntas são formuladas, as quais auxiliam estudante e professor a questionar tal imagem, nem por isso trás algo inovador. Esse tipo de representação ensina que quando do primeiro contato com os portugueses os povos indígenas não demonstraram nenhuma resistência. Por outro lado o Brasil é representado como se fosse o paraíso, uma vez que a imagem idílica os enfatizam colhendo frutos na árvore, de certo modo, um dos seus alimentos.

Com relação ao contato dos indígenas com os portugueses o quadro “Desembarque de Cabral em Porto Seguro em 1500, pintado por Oscar Pereira da Silva, em 1922” reproduz a imagem de passividade dos indígenas, visto que estão representados com as armas em pouso, enquanto os colonizadores estão em poses de superiores, haja vista, dar-se a entender o medo que os indígenas tiveram no momento do contato. A ideia de passividade também está reproduzida na “Ilustração feita a partir da obra A primeira missa no Brasil, de Victor Meirelles, 1860”. Esta obra retrata a celebração da primeira missa e nela os indígenas assistem a tudo passivamente, pois não se contrapõem ao colonizador. Tal imagem é passível de questionamento. A 1ª missa ocorreu desse modo, ou não? De fato não, pois ela só foi celebrada para alguns colonizadores, no entanto foi retratada com a presença dos povos indígenas. Contudo, o

livro não faz crítica a esse fato e reproduz a imagem como se os indígenas tivessem assistindo-a passivamente.

Na discussão sobre “As primeiras vilas e cidades coloniais” o indígena é representado como serviçal, enquanto o colonizador dá as ordens. Outro fato a ser ressaltado é a importância que as personagens indígenas tiveram na construção não só da cidade de São Paulo, mas em outras vilas e cidades do Brasil. Essa questão não é discutida no livro didático de forma que os indígenas sejam representados na condição de agentes ativos. Com relação “A organização dos primeiros povoados”, principalmente no que se referem às origens da cidade de São Paulo, os indígenas são representados trabalhando como escravizados. Outra imagem recorrente é a do indígena como escravizado ou serviçal dos jesuítas.

Na discussão sobre “A vida nos povoados e nas vilas coloniais”, duas imagens são relevantes: a primeira é a de uma índia trabalhando na cozinha. A representação é de uma escrava, pois seus trajes são diferentes dos da mulher branca. Na imagem a mulher indígena faz o serviço como única opção e não infringe a ordem que lhe fora determinado. A segunda imagem refere-se ao preparo dos alimentos em uma vila, parece interagir muito bem e fica no ar a ideia de passividade e de ajuda mútua sem resistência. A representação do indígena como passivo está implícita na discussão sobre a “Batalha entre portugueses e franceses, a gravura que retrata duas viagens de Hans Staden ao Brasil do século XVI”, mostra os indígenas ajudando os franceses na luta contra os portugueses, o que resultou na expulsão dos franceses. Todavia, os indígenas foram caçados, mortos e escravizados pelo colonizador português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação dos povos indígenas no livro didático vem sendo discutida de forma significativa nas diversas áreas das ciências humanas, dentre estas podemos destacar: história, geografia, pedagogia, letras, e antropologia. Trata-se de uma discussão relevante, visto que contribui com outra questão, a equidade social e racial no Brasil. Na análise das representações dos povos indígenas no livro didático de História do Projeto Buriti pontuamos alguns aspectos que consideramos relevantes, visto que podem contribuir com as práticas pedagógicas de professores (as) de História, principalmente na perspectiva de tornar a escola inclusiva e respeitosa com as culturas indígenas. No geral as representações dos povos indígenas apresentam as seguintes características: a) O caráter generalista dos povos indígenas; b) Os povos indígenas são representados no tempo passado, vivem nus, usam penacho, moram em oca vivem da caça, pesca e coleta de raízes e frutos; c) Os povos indígenas não acompanharam a tecnologia, uma vez que mesmo quando representados na contemporaneidade usam o arco e a flecha; d) A maioria das representações dos povos indígenas são ilustrações e desenhos que não contemplam a sua diversidade cultural; e) Os povos indígenas são associados aos animais, selvagem, e exótico; f) Os povos indígenas não são ser pensante produtivo e são afeitos ao trabalho. O livro didático se mantém eurocêntrico, o que faz com que não represente os indígenas como agentes ativos da história do Brasil. Como

tais conteúdos estão sendo implantados no currículo da escola da educação básica? Eles estão correspondendo ao que preconiza a lei 11.645/008? O livro didático ainda é o principal instrumento utilizado pela maioria dos (as) professores (as) na escola da educação básica, e esse conforme nos revelou a pesquisa mantém a perspectiva eurocêntrica de história. Desta feita, a implantação da história e cultura indígena para além da compreensão eurocêntrica não é fato na sala de aula, o que faz com que os estereótipos identificados nas representações didáticas não sejam ultrapassados.

REFERÊNCIAS

BORGES, Paulo Humberto Porto. Uma visão indígena da História. In: **Cadernos Cedex**, ano XIX, nº 49, Dezembro / 1999.

BRAND, J. Antonio; CALDERONI, Valéria. A. M. D. **Saberes e Dizeres sobre os povos indígenas nos livros didáticos**. pp. 189-200.

BURKE, Peter. “Testemunha ocular: história e imagem”. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. – Bauru SP: EDUSC, 2004.

CAVALHEIRO, Rosa Maria; COSTA, Flamarion da. **A temática Indígena no Livro Didático**. s/d.

CUNHA, Robério Davi Borges; ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão. **A História Recontada: Revisitando os povos indígenas no livro didático**. 2011.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1985.

FEITOSA, Amanda Araújo Pombo; XAVIER, Marcio Câmara. **A História indígena nos livros didáticos do Ensino Fundamental I e na Aldeia Guarani Tekoá-Ytu em São Paulo**, 2010.

GRUPIONI, Luiz Donizete Benzi. Imagens contraditórias e fragmentadas: sobre o lugar dos Índios nos livros didáticos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, V. 77, n. 186, p. 409-437, 1996.

GUIMARÃES, Francisco Alfredo Morais. A temática indígena na escola: onde está o espelho? In. **Revista fórum de identidades**. Ano 2, Volume 3 – pp. 57-65. 2008.

MARIANO, Nayana Rodrigues Cordeiro. **A representação sobre os índios nos livros didáticos de História do Brasil**. João Pessoa: Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB: 2006.

NIKITIUK, Sonia M. Leite (Org.). **Repensando o ensino de história**. São Paulo: Cortez, 2009.

OLIVEIRA, Teresinha Silva de. Olhares que fazem a “diferença”: O índio em livros didáticos e outros artefatos culturais. **Revista Brasileira de Educação**, MG, 2003.

PINTO, Regina Pahin. Raça e educação: uma articulação incipiente. In; **Caderno de pesquisa**. São Paulo, n 80, pp, 41-50, fev, 1992.

RIBEIRO, Renilson Rosa. Entre o bom e o mal selvagem: imagens dos indígenas nos livros didáticos de História do Brasil. In: **Anais Eletrônicos do IX Encontro Nacional dos pesquisadores do Ensino de História**. Florianópolis, 2011.

ROSEMBERG, Fúlvia; BAZILLI, Chirley; SILVA, Paulo Vinícius Baptista. Racismo em livros didáticos e seu combate: uma visão da literatura. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, V. 29, n. 1, p. 125-146, jan./jun. 2003

SANTOS, Kleber Rodrigues. **Ilustrações nos livros didáticos**: representações dos indígenas nos manuais de história do Brasil. 2010.

SANTIAGO, Leila Adriana da Silva, DIAS, Maria de Fátima Sabino. A questão indígena na cultura escolar no Brasil. In: **Revista Lateral**. 2009.